

Novembro 1966

Rei da Banda Parou a Cidade



CURITIBA, em consagrada manifestação popular, concentrou-se toda em sua maior praça para ver e ouvir Chico Buarque de Hollanda "cantar coisas de amor". Toda a multidão embarcou na música lírica e singela do maior e mais jovem compositor brasileiro para viver momentos de grande ternura. Muitos chegaram até às lágrimas. Chico recebeu a chave da cidade e sua "Banda" desfilou garbosa pelos corações curitibanos. O prefeito Ivo Azur, que não pôde comparecer à praça para o grande espetáculo, arrependido solicitou nova exibição ao admirável compositor. Mas Chico tinha outros compromissos e não pôde atender o chefe do Executivo Municipal. Roupas e até documentos do jovem "astro" viraram "souvenirs" nas mãos avidas e nervosas de suas fãs paranaenses. — (LEIA NA QUARTA PAGINA, REPORTAGEM DE WALTER NEGRÃO



MILHARES de pessoas cantaram com Chico Buarque de Hollanda, em Curitiba, a sua consagrada composição musical, "A Banda".

A Cidade Parou Prá Ver O Dono da Banda Passar

Reportagem de WALTER NEGRÃO

Curitiba parou. Há bom tempo uma cidade não pára pelo motivo por que Curitiba parou. Curitiba parou para ouvir música brasileira. Para ouvir "A Banda" cantar coisas de amor. A maior praça de Curitiba não comportou o povo que foi ver de perto o quase adolescente Chico Buarque de Holanda.

Gente tomava as ruas que desembocam na praça Marechal Deodoro. Gente subia em arvores, postes, marquises, em gente, pra ouvir o Chico cantar, pra ver o Chico passar. Nunca se viu tanta gente assim.

ASSUSTADO, de camisa listrada, cabisbaixo a princípio, temeroso depois, olhos arregalados em seguida, preocupado, muito preocupado, sem saber direito o significado daquela manifestação, Chico chegou ao palanque oficial. Ali recebeu das mãos do representante do prefeito, a chave da cidade. Em troca ofereceu um MUG — o bonequinho que, segundo o próprio compositor, dá sorte a quem o possui — para ser colocado na Prefeitura da capital paranaense. Tudo sob verdadeira ovação popular.

Acompanhamento

OS MUSICOS da Polícia Militar do Estado do Paraná, há quinze dias vinham ensaiando a partitura da "Banda", para acompanhar Chico Buarque. Acomodados sob o palanque onde ficou o cantor, os músicos realizaram uma abertura triunfante, para depois seguirem o tom de Chico. Sua voz ganhou a praça, ganhou as ruas mais próximas. E de repente sua voz desapareceu. A multidão embarcou na música daquele

rapaz. Embarcou alto, cantando forte, versos inteiros. Cada qual parado em seu lugar (porque não havia mesmo para onde se mexer), incontendo lágrimas, cada qual deixava escapar:

"... e a cidade toda se en-
[feitou,
pra ver a banda passar, can-
[tando coisas de amor..."

O PREFEITO Ivo Arzur não pôde comparecer e depois se lamentou. Queria que Chico desse mais um espetáculo. Até estava combinado uma segunda apresentação. Que não houve. Porque ninguém garantia o policiamento necessário. E seria preciso muita polícia para conter uma outra emoção popular como aquela.

Estragos

QUINZE canteiros de flores, quinhentos metros de cerquinha metálica, alguns galhos de árvores, três ou quatro bancos de madeira, ficaram danificados. Já não era mais proibido pisar na grama. As crianças já não tinham medo de "Garrucha", o guarda das flores, porque também "Garrucha", mui serio fiscal de flores, despediu-se das dores, pra ver o Chico passar.

À NOITE, a lei do comércio foi quebrada. Uma loja pre-

cisou abrir a porta, para vender roupa nova ao dono da "Banda". Fechado num quarto de hotel, Chico esperava outro sapato, outra camisa, para poder jantar. Até aí ele pensava que poderia jantar, desde que trocasse a roupa rasgada. Engano. Jantar foi mesmo no quarto, a pedido do gerente do hotel, que não queria ver a casa quebrada pelas moças comprimidas na rua, dispostas a qualquer custo a ver "os olhos verdes dele..."

NA VOLTA, Chico sentiu falta de qualquer coisa. Recostado no avião, tentando esquecer o susto, tentando entender o susto, pediu para ficar sozinho, em silêncio. Uma ligeira agonia percorreu sua cabeça. Uma breve vontade de voltar atrás. Não precisar enfrentar outra vez aquilo. Ser outro, não ser Chico Buarque de Holanda. Foi quando enterrou as mãos no bolso, querendo dormir, que notou: adeus documentos. Perdera todos. Decerto viraram "souvenir" para qualquer daquelas moças. Que fazer? Nada. Suspirar. Solicitar segunda via de tudo. Entender. Aceitar. E voltar a ser Chico Buarque de Holanda, solteiro, vacinado, maior, carioca de nascimento, paulista por adoção, fazedor de sambas.

DE MANHÃ, no outro dia, o das eleições, a praça estava vazia. A moça feia saiu da janela. O velho fraco lembrou do cansaço. O homem serio contava dinheiro. Tudo voltou ao seu lugar. Até a gente sofrida. Só Chico não pode voltar.

novembro de 1966